

e na gestão do conhecimento. Tese. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Florianópolis, SC, 2010.

PINTO, M. R.; SANTOS, L. L. S. The Grounded Theory as methodological approach: reports of a field experience. Revista: **Organizações e Sociedade**, Salvador, v.19, n. 62, July/Sept. 2012

QUEVEDO, S. R. P. de. Narrativas hipermediáticas para ambiente virtual de aprendizagem inclusivo. 380f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Florianópolis, SC, 2013.

RISSI, M. **A confiança e as relações interpessoais assegurando o compartilhamento do conhecimento no ambiente virtual de aprendizagem**. 2013. 204 f. Tese. (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROSSO, S. D; BANDEIRA, L., COSTA, A.. Pluralidade e Diversidade das Ciências Sociais: uma contribuição para a epistemologia da ciência. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 231-246, jul./dez. 2002.

SILVEIRA, F. L.. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos. Revista de **Enseñanza de la Física**, Cordoba, v. 10, n. 2: 56-63, 1997.

SOARES, A. P. **Gestão do conhecimento e conflitos interorganizacionais em EaD: construção de uma teoria substantiva**. 470 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2012.

S O M M E R M A N , A . **Inter ou transdisciplinaridade?** da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus. Coleção questões fundamentais da educação. 2006.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory**. 2 nd. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

STRAUSS A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and techniques**. London: Sage Publications, 1990.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de uma teoria fundamentada**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: the search for meanings**. John Wiley & Sons. 2. ed. 1984.

UHLMANN, V. O., ERDMANN, R. H. **Usos e aplicações da grounded theory em administração**. SIMPOI, 2014.

WELLS, K. The strategy of grounded theory: possibilities and problems. **Social Work Research**. v. 19, n. 1, 1995.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v.52, n.5, p. 546–553, 2005.

FONTES DE INFORMAÇÕES DO AMBIENTE ORGANIZACIONAL EM PEQUENAS EMPRESAS

MUSETTI, Tiago Fernando*. - Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Engenharia de Produção, Mestrado: Engenharia de Produção (SEP-EESC/USP) - 2013 a 2015, Doutorando: Departamento de Engenharia de Produção (DEP/UFSCar) ; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. - Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Engenharia de Produção (SEP-EESC/USP), Doutor em Engenharia de Produção (1995) e Professor Associado (2006); ALVES FILHO, Alceu Gomes. - Departamento de Engenharia de Produção (SEP-EESC/USP), Doutor em Engenharia de Produção (1991) e Professor Associado (2006); PERUSSI FILHO, Sérgio. - Professor Doutor, Centro Universitário Central Paulista – Departamento de Engenharia de Produção (UNICEP), Doutor em Engenharia de Produção (2006).

*Autor para correspondência e-mail: tiagoferm@yahoo.com.br

Recebido em: 09/08/2017
Aprovação final em: 15/12/2017

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar o uso das fontes de informações do ambiente organizacional em pequenas empresas. A abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa, por meio de estudo de casos múltiplos, aplicados em pequenas empresas, nos setores metal mecânico e de base tecnológica. Como resultado, descobriu-se que as principais fontes externas de informações são os clientes, o departamento comercial e os empresários. A principal contribuição desta pesquisa é mostrar que não há diferenças significantes nas fontes de informação que os empresários, de ambos os setores, utilizam para obter informações sobre o ambiente organizacional.

PALAVRAS-CHAVE: Pequena Empresa; Ambiente Organizacional; Fontes de Informações sobre o Ambiente Organizacional; Monitoramento do Ambiente Organizacional.

INFORMATION SOURCES OF THE ORGANIZATIONAL ENVIRONMENT IN SMALL BUSINESSES

ABSTRACT

This article aims to analyze the use of organizational environment information sources in small businesses. The method used in this research was the qualitative approach, through multiple case studies, applied in metal mechanic and technological based small businesses. As a result, the main external information sources are costumers, commercial department and entrepreneurs. The main contribution of this research is that there are no significant differences in the sources, which are used by both sectors to obtain information on organizational environment.

KEYWORDS: Small Business; Organizational Environment; Organizational Environment Information Sources; Organizational Environment Monitoring.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento tecnológico significativo iniciado com os avanços da microeletrônica em meados do século XX e refletido no grande avanço das telecomunicações e na tecnologia de informação tem provocado impactos que exigem com que as organizações elaborem estratégias empresariais cada vez mais eficazes para que consigam obter vantagem competitiva sobre seus concorrentes.

O ambiente organizacional, que também pode ser denominado como ambiente competitivo (HUANG, 2009), ambiente contextual (TAVANA, 2002), ambiente externo (NAVARRO-GARCÍA; ARENAS GAITÁN; RONDÁN-CATALUÑA, 2014), ambiente geral (MAYER et al., 2013), ambiente global (BATES, 1985), macro ambiente (DYER; ROSS, 2008) ou simplesmente mercado (ABEBE, 2012) se tornou mais complexo, turbulento e incerto (HAASE; FRANCO, 2011; VERDU; TAMAYO; RUIZ-MORENO, 2012). Com isso, a habilidade da organização para sobreviver neste novo cenário depende da habilidade em se antecipar às mudanças externas (FRANCO et al., 2011). Nesse novo panorama gerencial, os estudos administrativos ao buscarem soluções para os novos desafios empresariais, ajudam as organizações a reduzir o grau de incerteza e assim garantir a sua sobrevivência de longo prazo.

Dentre as técnicas administrativas, a estratégia visa orientar a empresa a obter um padrão global de decisões e ações e a se posicionar no ambiente externo, fazendo com que a firma consiga vantagem competitiva sustentável em relação a seus concorrentes (SLACK et al., 1996). Mas para que uma estratégia seja implementada eficazmente deve-se considerar a influência que os fatores exógenos às firmas possuem no processo de sua formulação, porque caso as empresas queiram sobreviver e prosperar devem vencer os obstáculos presentes em seus ambientes competitivos.

Como as organizações são consideradas sistemas abertos e por isso são afetadas e afetam as variáveis externas, saber monitorar e avaliar essas mudanças torna-se um fator de sobrevivência e de

subsídios para a criação de perspectivas de sucesso (VERDU; TAMAYO; RUIZ-MORENO, 2012). Todavia, para que o monitoramento do ambiente organizacional seja eficaz é importante que os dirigentes saibam identificar, selecionar e classificar as fontes de informações, que serão utilizadas na tomada de decisão estratégica (RODRIGUES & BLATTMANN, 2014).

A fim de abordar o tema do monitoramento do ambiente organizacional em pequenas empresas de forma mais precisa, um levantamento sistemático foi realizado nas bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. A busca priorizou artigos publicados unicamente em periódicos científicos. Livros e teses e dissertações também foram utilizados para consolidar o referencial teórico, contudo, não foram parâmetros de busca. Para a realização da busca, nas bases de dados internacionais, foram utilizadas 11 palavras-chaves – *Small Business*; *Small Firms*; *High Technology Firms*; *Small Technology based Companies*; *SMEs*; *Small Companies*; *Environmental Scanning*; *Business Environment*; *Environmental Monitoring*; *Information sources* e *Environmental Information Source* –. Na base de dados nacional foram utilizadas 10 palavras-chaves – Micro e Pequenas Empresas, Empresas de Alta Tecnologia, PMEs, Pequenas Empresas, Empresas de Base Tecnológica, EBTs, Monitoramento Ambiental, Ambiente de Negócios, Fontes de Informações e Fontes de Informações Ambientais.

Nas buscas realizadas, as palavras-chaves foram divididas em dois grupos: o primeiro grupo englobou os termos que caracterizam o porte das empresas investigadas; o segundo grupo concentrou os termos que referem ao processo de monitoramento do ambiente organizacional. O método para coleta de artigos baseou-se na análise combinatória, em que cada termo do grupo 1 foi cruzado ou combinado com cada termo do grupo 2, até que todos os cruzamentos possíveis tenham sido realizados. Foram analisados os artigos, classificando-os em ordem de relevância, sobre o tema ambiente organizacional e desse total foram selecionados os artigos cujos temas se enquadram,

perfeitamente, no escopo deste trabalho.

Aldehayaat (2015), Haase e Franco (2011), Karami (2008), McGee e Sawyerr (2003) e Xu, Kaye e Duan (2003) e Zhang, Majid e Foo (2012) analisam as influências que alguns setores como o de alimentação, atacadista, computação, construção, eletrônico, produção, químico, serviços, transporte e turismo, juntamente com o porte das empresas, podem ter sobre a obtenção e o uso de fontes de informações exógenas às firmas.

Chen (2013) examina o processo de monitoramento do ambiente organizacional das informações estratégicas governamentais na China, pela ótica dos funcionários do Estado.

Rodrigues e Blattmann (2014), Muhammad, Jantan e Taib (2009), Ngamkroekjoti, Speece e Dimmitt (2005) e Sugahara e Januzzi (2005) investigam como as pequenas empresas obtêm vantagem competitiva pela prática de monitoramento do ambiente externo, visando o desenvolvimento de novos produtos e serviços.

A busca de artigos nacionais baseou-se em levantamento sistemático no Scielo e encontrou os seguintes artigos: Barbosa (2006) investiga a influência do porte das empresas sobre a maneira pela qual os dirigentes utilizam fontes de informação do ambiente organizacional, como incentivo ao desenvolvimento da inteligência competitiva.

Cancellier, Alberton e Barbosa (2011) e Krakauer e Almeida (2012) estudam o processo de monitoramento do ambiente externo, em pequenas empresas de base tecnológica. Oliveira, João e Mondlane (2008) e Oliveira, Paula Neto e Oliveira (2008) investigam o uso de fontes de informação externas por pequenos empresários do comércio varejista para otimizar a tomada de decisão estratégica.

Rodrigues e Blattmann (2014) analisam a gestão da informação, por meio do estudo do uso das fontes de informações exógenas, em um centro de pesquisa pesqueiro localizado na região sul do país.

Sutter et al. (2013) investigaram como uma pequena empresa do setor imobiliária monitora, e obtém informações sobre o mercado em que atua.

A análise dos trabalhos evidencia que apenas os artigos de Haase e Franco (2011) e Xu, Kaye e Duan (2003) realizaram análises comparativas setoriais. Dessa forma, o levantamento de artigos deste trabalho parece confirmar Haase e Franco (2011), em que estudos empíricos sobre as fontes de informações do ambiente organizacional em diferentes setores industriais representam, ainda, pequena proporção das publicações sobre o tema.

De acordo com o levantamento sistemático realizado, descobrir se há diferenças no modo como empresas que atuam em um setor baseado no uso intensivo de tecnologias recentemente desenvolvidas, e ao mesmo tempo mais dinâmicas e complexas – as EBTs –, escolhem e analisam suas fontes de informações do ambiente externo, quando comparadas com empresas que atuam em um setor que demanda uso menos intensivo de tecnologias recentes, e ao mesmo tempo menos dinâmico e complexo, como as pequenas empresas tradicionais – as PET –, mostra-se uma lacuna de pesquisa ainda não preenchida na literatura acadêmica.

Assim, este artigo tem como objetivo obter as fontes de informações externas utilizadas pelas pequenas empresas de base-tecnológica (EBTs) e pelas pequenas empresas tradicionais (PETs) para monitorarem seus ambientes organizacionais e se existem diferenças significativas em função de suas naturezas.

O artigo se encontra estruturado da seguinte forma: a seção 2 demonstra a revisão da literatura sobre ambiente organizacional, monitoramento e fontes de informações do ambiente organizacional. A seção 3 apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. A seção 4 apresenta os resultados da pesquisa. A seção 5 apresenta as discussões sobre o trabalho de campo e, por fim, a seção 6 realiza as considerações finais deste trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ambiente Organizacional e Monitoramento do Ambiental

O ambiente organizacional tornou-se preocupação dos dirigentes porque ele afeta suas

decisões cotidianas e pode ser definido como sendo o conjunto de todos os elementos que existem fora das fronteiras das empresas e que possuem potencial para afetá-la (MAYER et al., 2013). Se uma firma está apta a se adaptar mais facilmente às preferências dos clientes, alavancar novas tecnologias, monitorar e conhecer as ameaças competitivas rapidamente e encontrar meios para permanecer rentável, mesmo num mercado com baixo crescimento, então ela poderá ser sucesso no longo prazo (RAJU; LONIAL; CRUM, 2011).

Toda organização, independentemente de seu porte, é continuamente submetida a relações que se delineiam em um contexto com um grande número de atores com interesses diversos, constituindo uma dinâmica de conflitos e consensos que se sobrepõem (SILVEIRA SANTOS; ALVES; TAVARES DE ALMEIDA, 2007). Em resumo, o ambiente organizacional é visualizado como uma fonte de informação que continuamente fornece sinais e mensagens que a organização deve considerar como sendo importantes para o seu processo de formular estratégias competitivas (XU; KAYE; DUAN, 2003).

O monitoramento das variáveis exógenas às firmas, que tem sua origem na teoria administrativa (MAYER et al., 2013), pode ser definido como sendo o processo de coletar, analisar e interpretar as informações e tendências externas à firma que serão posteriormente utilizadas em seu processo de administração estratégica (MAYER et al., 2013; LIAO; WELSH; STOICA, 2008; ZHANG; MAJID; FOO, 2012) e tem no trabalho seminal de Aguilar (1967), intitulado *Scanning the business environment*, a primeira fundamentação para os estudos gerenciais (CANCELLIER; ALBERTON; BARBOSA, 2011; ZHANG; MAJID; FOO, 2012).

A análise dos fatos externos à empresa é o primeiro passo para o processo de tomada de decisão estratégica, e influencia a percepção e as ações da firma, pois interliga as mudanças externas com o processo de formular e implementar estratégias competitivas. Dessa forma, obter informações sobre os diversos aspectos dos setores ambientais, facilita

o alinhamento entre a estratégia competitiva e o setor de atuação (ALDEHAYAAT, 2015; DIDONET et al., 2012). A não realização do monitoramento das oportunidades e das ameaças externas, pode fazer com que a empresa se torna míope e, com isso, se torne menos competitiva no longo prazo (KRAKAUER et al., 2012).

Oreja-Rodriguez e Yanes-Estevez (2010) mostram que a concorrência mercadológica tem sofrido um aumento em seu dinamismo na última década, fato este que se reflete em suas variáveis, que se modificam com uma menor taxa de previsibilidade. Para os autores, este fato indica que nem as informações que os dirigentes têm acesso, e nem as suas experiências acumuladas no setor em que atuam, são capazes de ajudar a prever as possíveis mudanças externas. Segundo Strandholm e Kumar (2003), as firmas que não monitoram as variáveis competitivas, não apenas correm de risco de perder oportunidades, como também falham em se proteger contra possíveis ameaças.

Para que o processo de monitoramento do ambiente organizacional seja eficaz, é preciso que se escolham as fontes ambientais mais adequadas para o trabalho. Como os gerentes são limitados em suas habilidades de coletar e de processar informações e determinar os resultados de suas decisões, eles devem identificar quais eventos externos são considerados mais importantes, para que a organização melhore o seu desempenho (McGEE & SAWYERR, 2003).

Fontes de Informações sobre o Ambiente Organizacional

Informações possuem um valor estratégico para qualquer organização, independentemente de seu porte. O uso das fontes de informações externas, de forma eficiente e eficaz, pode representar um diferencial importante em relação aos concorrentes, para a sobrevivência e o crescimento empresarial (CANCELLIER; ALBERTON; BARBOSA, 2011; SUTTER et al., 2013).

Rodrigues e Blattmann (2014) definem fontes de informações do ambiente organizacional como

sendo tudo o que gera ou veicula informação e pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem a necessita. Para garantir o devido uso da informação, é necessário agregar valor e, para isso, é importante que a informação esteja de acordo com o contexto em que se encontra a organização, que seja correta e completa, com riqueza de detalhes e precisão, no formato adequado, disponibilizada no momento e propósito oportuno e no local correto (RODRIGUES; BLATTMANN, 2014).

Segundo Oliveira, João e Mondlane (2008), as fontes externas de informações são classificadas de diversas maneiras, como, por sua origem, estruturação ou pelos recursos organizacionais.

Neste trabalho, utilizou-se o modelo de Auster e Choo (1994), em que os autores dividem as fontes de informações em externa ou interna e pessoal ou impessoal, conforme mostrado no quadro 1.

As fontes internas referem-se às fontes de informações obtidas dentro da organização; as fontes externas denotam as fontes obtidas fora da firma; as fontes pessoais envolvem a comunicação direta com pessoas de dentro ou fora da empresa; as fontes impessoais transmitem as informações a um número considerável de pessoas por meio de canais formais de comunicação (MAY; STEWART; SWEQ, 2000).

Pequenas Empresas

Por um longo período de tempo as grandes

Quadro 1 - Fontes de Informações do ambiente organizacional.

	Fontes Externas	Fontes Internas
Fontes Pessoais	Amigos e colegas	Conselho gestor
	Associações e Sindicatos	Funcionários
	Clientes	Experiência pessoal
	Concorrentes	
	Consultores externos	
	Empresários	
	Familiares	
	Feiras e palestras	
	Fornecedores	
	Funcionários de empresas não concorrentes	
	Funcionários públicos	
	Gerente do banco	
	Parceiros comerciais	
	Parentes	
	Palestras	
Reuniões profissionais		
Universidades e Centros Tecnológicos		
Fontes Impessoais	Estudos setoriais	Banco de dados
	Feiras e congressos	Planilhas gerenciais
	Internet	Relatórios anuais
	Jornais e revistas	
	Legislação	
	Livros	
	Organizações públicas	
	Publicações governamentais	
	Televisão e rádio	

Fonte: Elaboração própria adaptado de Auster e Choo (1994).

empresas dominaram os cenários político e acadêmico em detrimento das pequenas firmas; todavia, no início da década de 1990, estratégias específicas e melhorias nas condições econômicas inverteram o panorama em prol das empresas de pequeno porte (HAASE; FRANCO, 2011). As pequenas empresas contribuem para o desenvolvimento econômico e devido a suas especificidades, essas empresas necessitam de abordagens gerenciais apropriadas e mais eficazes para se tornarem competitivas (BRAMMER; HOEJMOSE; MARCHANT, 2012; HAASE; FRANCO, 2011; KRAKAUER et al., 2012).

No Brasil existem 5,1 milhões de empresas e desse total, 98% são micro e pequenas empresas. Essas firmas representam 20% do PIB, 98% de empresas formais na indústria, no comércio e nos serviços e empregam 56% dos trabalhadores com carteira assinada (SEBRAE, 2006). Dos 1,2 milhões de novos empreendimentos gerados anualmente no Brasil, 99% são micro e pequenas empresas e empreendimentos individuais (KRAKAUER et al., 2012).

Pequenas empresas são particularmente sensíveis às mudanças nos setores em que atuam e, por isso, os seus dirigentes reconhecem a importância de se obter informações sobre as possíveis oportunidades e ameaças (McGEE; SAWYERR, 2003). Contudo, Las Casas (1999) afirma que, pelo fato dos dirigentes de pequenas empresas estarem mais voltados para as tarefas operacionais, as atividades estratégicas, nas quais incluem o processo de monitoramento externo, podem ser relegadas a um nível secundário.

No caso de pequenas empresas, que operam com limitados recursos, o delineamento das variáveis revela-se ainda mais importante, pois permite que a gestão concentre seus esforços nos elementos mais estratégicos para o negócio, e, assim, consiga reduzir os riscos e as incertezas inerentes ao ambiente externo (HUANG, 2009; KRAKAUER; ALMEIDA, 2012; McGEE; SWAYERR, 2003). Além disso, como essas empresas não possuem poder de barganha no mercado em que atuam, e, geralmente, utilizam processos de monitoramento

das variáveis organizacionais poucos estruturados, acabam confiando mais em fontes externas de informação (McGEE; SWAYERR, 2003).

Para Huang (2009), as especificidades das empresas de pequeno porte fazem com que esse grupo de empresas utilize, majoritariamente, informações informalmente, não possuindo uma sistemática para esse processo, estando muito vinculadas à figura e características do seu proprietário. As fontes pessoais de informação podem ser importantes entre os proprietários dirigentes de pequenas empresas, especialmente para os proprietários de firmas de base tecnológica, porque competem em um ambiente de rápidas mudanças, em que a variável tempo torna-se extremamente relevante para a sobrevivência dessas empresas (BARBOSA, 2006; McGEE; SAWYERR, 2003).

Em contrapartida, as grandes empresas, que, na maioria das vezes, não possuem as restrições de recursos encontradas nas empresas de pequeno porte, utilizam técnicas formais de planejamento estratégico e de monitoramento de eventos externos às empresas, por meio de departamentos e funcionários específicos (ALDEHAYAAT, 2015; HAASE; FRANCO, 2011), utilizando, para isso, fontes formais e impessoais de informações, como, por exemplo, relatórios anuais e planilhas gerenciais (BARBOSA, 2006; BRAMMER; HOEJMOSE; MARCHANT, 2012; McGEE; SAWYERR, 2003).

Sobre as fontes de informações pessoais e externas, Aldehayaat (2015), Cancellier, Alberton e Barbosa (2011), Haase e Franco (2011) e Oliveira, João e Mondlane (2008) mostram que “clientes” e “empresários” são as variáveis mais utilizadas pelos dirigentes de pequenas empresas. Quanto as fontes internas, Haase e Franco (2011), Silveira Santos, Alves e Tavares de Almeida (2007) e Zhang, Majid e Foo (2012), mostram singularidades na variável “funcionários”. Para os autores, enquanto que a estrutura mais simples das pequenas empresas faz com os proprietários-dirigentes obtenham informações diretamente com os funcionários, a estrutura mais complexa

das grandes empresas dificulta a ligação entre os diretores e os funcionários.

Quanto à contratação de serviços de consultoria, Dyer e Ross (2008), Gooderham et al. (2004) e Pineda et al. (1988) notam que os empresários de pequenas empresas podem procurar informações especializadas em áreas em que eles não possuem o devido conhecimento e quando são compelidos a tomar decisões de mercado, como qualidade do produto, linhas de produção e preço.

Quanto à parceria com universidades e centros de pesquisa, Ortín-Ángel e Vendrell-Herrero (2014), Serra et al. (2008) e Verhees e Meulenberg (2004) notam que as empresas de base tecnológica, não importando o seu porte, costumam se caracterizar por incorporar o conhecimento científico-tecnológico como seu principal insumo de produção e por relacionar-se com as universidades ou institutos de pesquisa e para o desenvolvimento de suas atividades utiliza recursos humanos, laboratórios e equipamentos pertencentes às instituições de ensino e pesquisa.

MÉTODOS DA PESQUISA

A pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa. Com relação aos seus fins é uma pesquisa descritiva, cujo procedimento foi o estudo de caso conforme explicado por Yin (2005). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e ocorreu durante os meses de dezembro de 2014 e janeiro de 2015.

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, com quatro dirigentes de pequenas empresas, sendo dois dirigentes do setor metal-mecânico – representados pelas siglas PET 1 e PET 2 – e dois dirigentes do setor de base tecnológica – representados pelas siglas EBT 1 e EBT 2. As entrevistas semi-estruturadas foram guiadas pela utilização de um roteiro de entrevista. Para a elaboração do roteiro de entrevista, utilizaram-se as variáveis contidas no quadro 1, que além de mostrar as principais fontes de informações, classificam-nas como externas ou internas e pessoais ou impessoais.

A PET 1 foi fundada em 1948, sendo de

sociedade familiar e fabrica correntes de elos soldados. Este produto, por ser demandado por vários setores econômicos, faz com que a empresa tenha como clientes desde pequenos pecuaristas até empresas de grande porte, que atuam em obras de infraestrutura. A PET 2 foi fundada em 1986 e produz estruturas metálicas de grande porte. Esta característica faz com que as estruturas sejam empregadas em setores mais tradicionais da economia, como o petroquímico, o siderúrgico e o de mineração. A EBT 1 foi fundada em 1993 e produz controladores eletrônicos. Neste segmento de mercado, a firma atua em três mercados diferentes: usinas sucroalcooleiras, fabricantes de equipamentos de ginástica e iluminação de piscinas. A EBT 2 foi fundada em 1992, e produz equipamentos médico-oftalmológicos focados no diagnóstico clínico de doenças da retina e da córnea. A empresa possui como clientes médicos e clínicas oftalmológicas e hospitais e centros de pesquisa.

A escolha de se estudar empresas de pequeno porte justifica-se pelo fato de que, além dessas empresas possuírem restrições de recursos, o que dificulta a sua operacionalização (HAASE; FRANCO, 2011; LIAO; WELSCH; STOICA, 2008; STRANDHOLM; KUMAR, 2003), os estudos administrativos, no Brasil, têm uma tradição de focar nos modelos gerenciais que são aplicadas nas grandes empresas (BRAMMER; HOEJMOSE; MARCHANT, 2012). Quando se trata de analisar as fontes de informações sobre o ambiente organizacional, o mesmo raciocínio pode ser inferido.

A escolha pelos setores metal-mecânico e base tecnológica justifica-se pelo objetivo de comparar indústrias com características estruturais diferentes. Enquanto o setor metal-mecânico baseia-se em um sistema tradicional de transformação (QUEIROZ & QUEIROZ, 2010), as empresas de base tecnológica se distinguem pelo uso intensivo do conhecimento científico-tecnológico no processo produtivo (GREWAL et al., 2013) e por relacionarem-se com as universidades ou centros de pesquisa, para descobrirem novas tecnologias e implementá-las em seus produtos ou serviços (ORTÍN-ÁNGEL;

Quadro 2 - Variáveis da Análise de Conteúdo.

Variáveis	Descrição
Unidade de análise	Quatro entrevistas semi-estruturadas;
Unidade de significado	Parágrafos, frases, ou palavras que contenham aspectos relacionados uns aos outros, por meio do conteúdo e do contexto das entrevistas;
Condensação	Processo de reduzir ou encurtar cada unidade de significado, mas preservando-se o núcleo, ou a essência, das unidades de significado escolhidas;
Código	Rótulo de uma unidade de significado;
Categoria	Nível descritivo do conteúdo e pode ser vista como uma expressão do conteúdo manifesto do texto;
Tema	Descreve o conteúdo latente do texto, não estando, portanto, explícito nas unidades de conteúdo;

Fonte – Elaboração própria a partir de Graneheim e Lundman (2004)

Quadro 3 - Principais Fontes de Informação do ambiente organizacional.

FONTES DE INFORMAÇÃO AMBIENTAL	Empresas do setor metal-mecânico		Empresas do setor de base tecnológica		TOTAL
	PET 1	PET 2	EBT 1	EBT 2	
Assistência Técnica				X	1
Clientes	X	X	X	X	4
Consultorias Externas				X	1
Departamento Comercial	X		X	X	3
Empresários	X		X	X	3
Especialistas Econômicos				X	1
Feiras e Congressos			X	X	2
FIESP	X				1
Fornecedor	X		X		2
Funcionários				X	1
Gerente do Banco	X			X	2
Internet	X		X		2
Jornais e Revistas		X	X		2
Mapa de Vendas	X				1
Planilhas Gerenciais	X				1
Sindicatos e Associações		X			1
SEBRAE			X	X	2
Universidades e Centros Tecnológicos	X			X	2

Fonte: Elaboração própria.

VENDRELL-HERRERO, 2014). Com isso pretende-se descobrir se a tecnologia, além de influenciar o processo produtivo, influencia a forma como as empresas de cada setor escolhem e analisam as fontes de informações do ambiente organizacional.

As entrevistas foram analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo de acordo com o modelo de Graneheim e Lundman (2004). Para a aplicação do método, cada entrevista transcrita – Unidade de Análise – foi analisada separadamente com o auxílio do *software Microsoft Excel*. Segundo o método proposto por Graneheim e Lundman (2004), a Unidade de Análise, neste trabalho, as entrevistas realizadas com os quatro dirigentes de pequenas empresas foram divididas em Unidades de Significado Condensadas, Código, Categoria e Tema, conforme quadro 2.

Apresentação dos resultados

O quadro 3 apresenta as principais fontes de informações que os dirigentes investigados utilizam para monitorar situações externas à empresa.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O quadro 1, elaborado por meio da revisão de literatura, apresenta as fontes de informações que os empresários dispõem para se atualizar sobre os acontecimentos externos. O quadro 3 mostra o resultado das quatro entrevistas realizadas neste trabalho.

A análise do quadro 2 mostra que as variáveis mais utilizadas, pelos dirigentes investigados, são *clientes, departamento comercial e empresários*. Dessa forma, esta pesquisa expõe que os dirigentes das pequenas empresas investigadas se utilizam majoritariamente de fontes pessoais de informações, o que se mostra de acordo com os resultados obtidos por Aldehayaat (2015), Cancellier, Alberton e Barbosa (2011), Haase e Franco (2011) e Oliveira, Paula Neto e Oliveira (2008).

A frequência de aparecimento do uso da fonte de informação *clientes*, mostra que as empresas procuram consultar os consumidores sobre suas

necessidades e assim tentar criar valor para seus produtos. Esse resultado é semelhante aos obtidos por Aldehayaat (2015), Cancellier, Alberton e Barbosa (2011), Haase e Franco (2011) e Oliveira, Paula Neto e Oliveira (2008), de que as empresas de pequeno porte têm mais contatos com os clientes em relação as empresas de maior porte.

As trocas de informações com outros empresários (fonte empresários) foram assinaladas pelos dirigentes das empresas PET 1, EBT 1 e EBT 2. Neste caso, os encontros sociais procuram abordar temas como a situação político-econômica do país, as especificidades dos setores de atuação e as novas tecnologias disponíveis no mercado.

O dirigente da EBT 2 foi o único a afirmar que conversa, informalmente, com os seus funcionários (fonte funcionários) para obter informações do ambiente organizacional: [...] tem uma parte informal também, no dia a dia. Às vezes, numa conversa sobre outro assunto, o funcionário fala alguma coisa, o que pode melhorar (Trecho 90 da entrevista com a EBT 2).

A pouca citação da fonte conversa com funcionários (fonte funcionários), parece não estar em concordância com os resultados de Haase e Franco (2011), Silveira Santos, Alves e Tavares de Almeida (2007) e Zhang, Majid e Foo (2012), que mostram que conversas informais com os funcionários da empresa é uma significativa fonte para obter informações externas à firma.

Feiras e Congressos são utilizados exclusivamente pelas empresas EBT 1 e EBT 2. Isso parece indicar que essas variáveis são exclusivas de firmas que atuam no setor tecnológico mais intensivo, conforme indicam Haase e Franco (2011) e Oliveira, João e Mondlane (2008). A participação em Feiras e Congressos permite que as empresas interajam com concorrentes, fornecedores e fabricantes, o faz com que os dirigentes se atualizem quanto às tecnologias que estão sendo lançados no mercado.

Sobre a contratação de *serviços de consultorias*, apenas o dirigente da EBT 2 utilizou esses serviços, com o intuito de ajudá-lo a obter dados sobre os

setores competitivos (Trecho 64 da entrevista com a EBT 2). Quanto ao uso dos *serviços do SEBRAE*, apesar de a entidade promover a competitividade, o desenvolvimento sustentável e ajudar os dirigentes de micro e pequenas empresas a consolidarem suas firmas nos mercados em que atuam (SEBRAE, 2017) verificou-se a utilização dos serviços apenas nas empresas de base tecnológica. Contudo, o dirigente da EBT 1 salienta que o serviço ofertado pelo Órgão não forneceu um diferencial competitivo para a empresa (Trecho 39 da entrevista com a EBT 1). Nas empresas do setor metal mecânico não foi verificada a utilização dos *serviços do SEBRAE*. Uma possível explicação para esse fato encontra-se no trecho 41 da entrevista com a PET 1, em que o dirigente afirma que o modelo utilizado pelo SEBRAE não atende às especificidades e necessidades das empresas do setor metal mecânico.

A EBT 1 gostaria de manter mais contatos com as *universidades*, para conhecer novas tecnologias, e tentar implementá-las nos processos gerenciais da empresa, mas encontra dificuldade em realizar tais parcerias. A fonte de contato da empresa com as universidades são os seus estagiários, que após diagnosticarem uma operação ou processo que pode ser otimizado, conversam/orientam-se com seus professores para obterem a solução da situação. A PET 1 mantém parcerias e realiza trabalhos com as universidades como forma de otimizar os métodos administrativos. Percebeu-se que o software de custos da empresa foi desenvolvido por uma equipe de consultoria de uma das universidades da cidade. Talvez pelo fato de o dirigente não possuir formação superior e a empresa estar em transição, saindo de um modelo de gestão exclusivamente familiar, o empresário busca métodos mais científicos para se modernizar e obter eficiência no uso dos recursos.

A pouca interação, das empresas de base tecnológica investigadas, com as universidades e com os centros de pesquisa parece não estar em concordância com os resultados obtidos por Ortín-Ángel e Vendrell-Herrero (2014), Serra et al. (2008) e Verhees e Meulenberg (2004), pois os autores afirmam, justamente, ser a interação

com universidades e centros de pesquisa, uma das principais características para a fabricação de produtos ou fornecimento de serviços que necessitam de um significativo grau de desenvolvimento tecnológico.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de descobrir as fontes de informações utilizadas pelas EBTs e pelas PETs para monitorarem seus ambientes organizacionais e se existem diferenças significativas em função de suas naturezas.

Os resultados indicam que não há variações significativas no modo como as EBTs e as PETs utilizam as fontes de informações para monitorar as variáveis externas às firmas. Sobre os tipos de fontes de informações, concluiu-se que há predominância de fontes externas, pessoais e informais. Dentre elas, destacam-se as conversas com clientes e empresários e as novas tendências de compras, fornecidas pelo departamento comercial.

Deve-se ressaltar um aspecto que emerge dos resultados: a predominância de fontes informais e pessoais, pode fazer com que os dirigentes das pequenas empresas cometam erros na tomada de decisão estratégica, pois, caso as pessoas consultadas não sejam especialistas em um determinado assunto, ou não estejam atualizadas sobre os acontecimentos no ambiente organizacional, as informações relatadas podem ser incompletas ou assimétricas, fazendo com que os dirigentes possam cometer tais erros.

A melhoria na tomada de decisão nas pequenas empresas poderia estar relacionada ao uso mais efetivo dos serviços de consultorias e entidades de apoio voltadas ao aperfeiçoamento gerencial, como o SEBRAE, no caso das firmas de pequeno porte. Contudo, os resultados obtidos mostram pouco uso desses serviços especializados, seja em função da falta de tempo disponível do proprietário-dirigente, seja devido à especificidade do produto fornecido pela empresa.

Esse potencial de erro de avaliação parece tender a ser menos passível de acontecer com grandes empresas, já que as fontes de monitoramento do

ambiente organizacional tendem a ser mais formais e fundamentadas em estudos mais clássicos, pesquisas profissionais e leituras técnicas mais qualificadas.

Esse aspecto pode explicar por que as pequenas empresas tendem a ser mais vulneráveis às mudanças externas, em relação às grandes empresas, pois se utilizam de informações que poderiam ser classificadas como menos qualificadas racionalmente e menos científicas. As grandes empresas, em contrapartida, podem estar menos vulneráveis às alterações externas, pois possuem um processo estratégico mais formal, com equipes e departamentos profissionais de planejamento que fazem o contínuo monitoramento de cada variável que compõe o ambiente organizacional.

Este estudo apresenta contribuições tanto teóricas quanto práticas, pois ao compilar os modelos teóricos que ensinam a realizar o processo de monitoramento externo, avaliar e classificar, segundo as entrevistas, as variáveis e subvariáveis e as fontes de informações do ambiente analisado, visando preencher a lacuna de pesquisa obtida pela revisão de literatura, pôde-se apresentar um parâmetro para os proprietários-dirigentes investigados sobre a forma como monitoram e avaliam as mudanças exógenas às suas empresas.

Como os dirigentes de empresas de pequeno porte, conforme indicado por Las Casas (1999), possuem pouco tempo para elaborar um raciocínio estratégico, apresentar um trabalho que os auxilie a conhecer, com detalhes, as variáveis, subvariáveis e fontes de informação que compõem o ambiente investigado, pode ajudá-los a se posicionar, com eficácia, nos setores que atuam.

Como sugestões para trabalhos futuros, pode-se aumentar tanto escopo geográfico quanto a amostra de empresas de pequeno porte para que, ao invés de se obter resultados restritos à amostra escolhida, tenha-se um guia ou roteiro prática que auxilie os proprietários-dirigentes a monitorar, por completo, o ambiente externo.

REFERÊNCIAS

ABEBE, M. A. Executive attention patterns, environmental dynamism and corporate turnaround performance. **Leadership & Organization Development Journal**, v. 33, n. 7, p. 684-701, 2012.

ALDEHAYYAT, J. S. Environmental scanning in business organizations: empirical evidence from a Middle Eastern country context. **Management Research Review**, v. 38, n. 5, p. 459-481, 2015.

AUSTER, E.; CHOO, C. W. CEOs, information, and decisionmaking: scanning the environment for strategic advantage. **Library Trends**, v. 43, n. 2, p. 206-225, 1994.

BARBOSA, R. R. Uso de fontes de informação para a inteligência competitiva: um estudo da influência do porte das empresas sobre o comportamento informacional. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp., p. 91-102, 1º sem. 2006.

BATES, C. S. Mapping the environment: an operational environmental analysis model. **Long Range Planning**, v. 18, n. 5, p. 97-107, 1985.

BRAMMER, S.; HOEJMOSE, S.; MARCHANT, K. Environmental management in SMEs in the UK: practices, pressures and perceived benefits. **Business Strategy and the Environment**, v. 21, n. 7, p. 423-434, 2012.

CANCELLIER, E. L. P. L.; ALBERTON, A.; BARBOSA, A. Diferenças na atividade de monitoramento de informações do ambiente externo em pequenas e médias empresas: a influência do porte e da idade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 168-186, 2011.

CHEN, Y. R. R. Exploring environmental scanning for China's government information: a government official's perspective. **Public Relations Review**, v. 39, n. 5, p. 581-583, 2013.

- DIDONET, S.; SIMMONS, G.; DÍAS-VILLAVICENCIO, G.; PALMER, M. The relationship between small business market orientation and environmental uncertainty. **Marketing Intelligence & Planning**, v. 30, n. 7, p. 757-779, 2012.
- DYER, L. M.; ROSS, C. A advice in dynamic and complex business environment: impact on the success of small firms. **Journal of Development Entrepreneurship**, v. 13, n. 2, p. 133-149, 2008.
- FRANCO, M.; HAASE, H.; MAGRINHO, A.; SILVA, J. Scanning practices and information sources: an empirical study of firm size. **Journal of Enterprise Information Management**, v. 24 n. 3, p. 268-287, 2011.
- GOODERHAM, P. N.; TOBIASSEN, A.; DOVING, E.; NORDHAUG, O. Accountants and sources of business advice for small firms'. **International Small Business Journal**, v. 22 n. 1, p. 5-22, 2004.
- GRANEHEIM, U. H.; LUNDMAN, B. Qualitative content analysis in nursing research: concepts, procedures and measures to achieve trustworthiness. **Nurse Education Today**, v. 24, p. 105-112, 2004.
- GREWAL, R.; CHANDRASHEKARAN, M.; JOHNSON, J. L.; MALLAPRAGADA, G. Environments, unobserved heterogeneity, and the effect of market orientation on outcomes for high-tech firms. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 41, n. 2, p. 206-233, 2013.
- HAASE, H.; FRANCO, M. Information sources for environmental scanning: do industry and firm size matter? **Management Decision**, v. 49, n. 10, p. 1642-1657, 2011.
- HUANG, X. Strategic decision making in chinese SMEs. **Chinese Management Studies**, v. 3, n. 2, p. 87-101, 2009.
- KARAMI, A. An investigation on environmental scanning and growth strategy in high tech small and medium sized enterprises. In: HIGH TECHNOLOGY SMALL FIRMS CONFERENCE, 2008, Enschede. **Anais...** Enschede: University of Twente, 2008.
- KRAKAUER, P. V. C.; ALMEIDA, M. I. R. Utilização da internet nas atividades de monitoramento ambiental em empresas de pequeno e médio porte. **Revista de Administração e Inovação**, v. 9, n. 1, p. 15-30, 2012.
- KRAKAUER, P. V. C.; PORTO, M. C. G.; FISCHMANN, A. A.; ALMEIDA, M. I. R. Planejamento estratégico em pequenas e médias empresas: estudo quantitativo com empresas brasileiras de tecnologia da informação. **Revista Espacios**, v. 33, n. 7, p. 1-15, 2012.
- LAS CASAS, A. L. **Plano de marketing para micro e pequena empresa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- LIAO, J.; WELSCH, H.; STOICA, M. Environmental turbulence and scanning behavior: the moderating effects of organizational maturity. **Journal of Small Business Strategy**, v. 19, n. 1, p. 15-29, 2008.
- MAY, R. C.; STEWART, W. H. J.; SWEQ, R. Environmental scanning behavior in a transitional economy, evidence from Russia. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 3, p. 403-427, 2000.
- MAYER, J. H.; STEINECKE, N.; QUICK, R. WEITZEL, T. More applicable environmental scanning systems leveraging "modern" information systems. **Information Systems and e-Business Management**, v. 11, n. 4, p. 507-540, 2013.
- McGEE, J. E.; SAWYERR, O. O. Uncertainty and information search activities: a study of owner-managers of small high-technology manufacturing firms. **Journal of Small Business Management**, v. 41, n. 4, p. 385-401, 2003.
- MUHAMMAD, N. M. N.; JANTAN, M.; TAIB, F. M. Environmental scanning and investment decision quality. **Management Research News**, v. 32, n. 12, p. 1117-1129, 2009.
- NAVARRO-GARCIA, A.; ARENAS-GAITAN, J.; RONDAN-CATALUÑA, F. J. External environment and the moderating role of export market orientation. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 740-745, 2014.
- NGAMKROECKJOTI, C. SPEECE, M.; DIMMITT, N. J. Environmental scanning in Thai food SMEs: the impact of technology strategy and technology turbulence. **British Food Journal**, v. 107, n. 5, p. 285-305, 2005.
- OLIVEIRA, P. H.; JOÃO, H. F. C. E.; MONDLANE, N. S. A. Contexto competitivo, monitoramento ambiental e tomada de decisão estratégica: o caso dos micro e pequenos varejos da região do Barro Preto em Belo Horizonte. **Ciência da Informação**, v. 37, n. 2, p. 110-121, 2008.
- OLIVEIRA, P. H.; PAULANETO, W.; OLIVEIRA, F. H. E. Monitoramento ambiental e fontes de informação para a tomada de decisão estratégica: o caso dos varejos formais instalados nas imediações do shopping popular Oiapoque em Belo Horizonte. **Ciência da Informação**, v. 37, n. 3, p. 103-114, 2008.
- OREJA-RODRÍGUEZ, J. R.; YANES-ESTÉVEZ, V. Environmental scanning: dynamism with rack and stack from Rasch model. **Management Decision**, v. 48, n. 2, p. 260-276, 2010.
- ORTÍN-ÁNGEL, P.; VENDRELL-HERRERO, F. University spin-offs vs. other NTBFs: total factor productivity differences at outset and evolution. **Technovation**, v. 34, n. 2, p. 101-112, 2014.
- PINEDA, R. C.; LERNER, L. D.; MILLER, M. C.; PHILLIPS, S. J. An investigation of factors affecting the information-search activities of small business managers. **Journal of Small Business Management**, v. 36, n. 1, p. 11-22, 1998.
- QUEIROZ, F. C. B. P.; QUEIROZ, J. V. Educação profissional e competitividade: o caso do setor metal mecânico da AMREC. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 6., 2010. Niterói: **Anais...** Niterói: Excelência em Gestão, 2010.
- RAJU, P. S.; LONIAL, S. C.; CRUM, M. D. Market orientation in the context of SMEs: a conceptual framework. **Journal of Business Research**, v. 64, n. 12, p. 1320-1326, 2011.
- RODRIGUES, C.; BLATTMANN, U. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 19, n. 3, p. 4-29, 2014.
- SERRA, F. R.; FERREIRA, M. P.; MORAES, M.; FIATES, G. S. A inovação numa empresa de base tecnológica: o caso da Nexxera. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 3, n. 3, p. 129-141, 2008.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Onde estão as micro e pequenas empresas no Brasil**. Observatório das MPEs. São Paulo: Sebraesp, 2006.
- _____. **Quem somos**. Brasília: SEBRAE, 2017.
- SILVEIRA SANTOS, L. L.; ALVES, R. C.; TAVARES DE ALMEIDA, K. N. Formação de estratégia nas micro e pequenas empresas:

um estudo no centro-oeste mineiro. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 1, p. 1–15, 2007.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; HARLAND, C.; HARRISON, A.; JOHNSTON, R. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 1996.

STRANDHOLM, K.; KUMAR, K. Differences in environmental scanning activities between large and small organizations: the advantage of size. **Journal of American Academy of Business**, v. 3, n. 1-2, p. 416-421, 2003.

SUGAHARA, C. R.; JANNUZZI, P. M. Estudo do uso de fontes de informação para inovação tecnológica na indústria brasileira. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 1, p. 45-56, 2005.

SUTTER, M. B.; FOERSTER, L.; KRAKAUER, P. V. C.; POLO, E. F.; ALMEIDA, M. I. R. Monitoramento do ambiente na pequena empresa: um estudo de caso sobre o processo em uma empresa do setor imobiliário. **Future Studies Research Journal**, v. 5, n. 2, p. 187-220, 2013.

TAVANA, M. Euclid: strategic alternative assessment matrix. **Journal of Multi-Criteria Decision Analysis**, v. 11, n. 2, p. 75-96, 2002.

VERDU, A. J.; TAMAYO, I.; RUIZ-MORENO, A. The moderating effect of environmental uncertainty on the relationship between real options and technological innovation in high-tech firms. **Technovation**, v. 32, n. 9-10, p. 579–590, 2012.

VERHEES, F. J. H. M.; MEULENBERG, M. T. G. Market orientation, innovativeness, product innovation, and performance in small firms. **Journal of Small Business Management**, v. 42, n. 2, p. 134–154, abr. 2004.

XU, X. M.; KAYE, G. R.; DUAN, Y. UK Executives' vision on business environment for information

scanning: a cross industry study. **Information & Management**, v. 40, n. 5, p. 381-389, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZHANG, X.; MAJID, S.; FOO, S. Environmental scanning practices of travel agent companies in Singapore. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 18, n. 8, p. 823-848, 2012.

A SEPARAÇÃO DOS RESÍDUOS RECICLÁVEIS DESCARTADOS PELOS ÓRGÃOS E ENTIDADES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL DEZ ANOS APÓS O DECRETO 5.940/2006

LIMA, Francisco José de. - Mestrando em Administração Pública, pela Universidade Federal de Alagoas;
SOUZA, Waldemar. - Professor Livre Docente at Universidade Federal de Alagoas – UFAL
*Autor para correspondência e-mail: kikolima-al@hotmail.com

Recebido em: 10/07/2017
Aprovação final em: 24/10/2017

RESUMO

O artigo busca analisar o estágio atual em que se encontra a separação dos resíduos recicláveis nos órgãos públicos federais, no ano do décimo aniversário do Decreto nº 5.940/2006, que instituiu a separação dos resíduos recicláveis descartados na fonte geradora e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis. A metodologia utilizada consistiu de estudo bibliográfico e documental e do uso de questionários semiestruturados, encaminhados a órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta. Os resultados demonstram que pouco mais da metade das instituições pesquisadas declaram já ter implantado a coleta seletiva e menos da metade estão destinando os resíduos às associações e cooperativas de catadores. Como sugestão para pesquisas futuras, registra-se o aprofundamento nas causas da baixa observância às normas e a realização de pesquisas com órgãos estaduais e municipais.

PALAVRAS-CHAVE: Sustentabilidade; Resíduos sólidos; Resíduos recicláveis.

ABSTRACT

The article seeks to analyze the current stage of separation of recyclable waste in federal public agencies, in the year of the tenth anniversary of Decree No. 5,940 / 2006, which established the separation of recyclable waste discarded at the generating source and its destination to associations and cooperatives of recyclable material collectors. The methodology used consisted of bibliographical and documentary study and the use of semi-structured questionnaires, sent to agencies and entities of the direct and indirect federal public administration. The results demonstrate that slightly more than half of the institutions surveyed state they have already implemented selective collection and less than half are directing the waste to the associations and cooperatives of the collectors. As recommendation for further research, it is noted the deepening of the causes of low compliance with standards and conducting research with state and municipal agencies.

KEYWORDS: Sustainability; Solid waste; Recyclable waste.